

1. O POVOAMENTO DA PLANÍCIE LITORÂNEA

Pedro Ignácio Schmitz

No presente volume, apresentamos novos estudos sobre o povoamento da planície litorânea do centro e sul de Santa Catarina e do centro e sul do Rio Grande do Sul.

Estudos sobre a planície litorânea vêm-se multiplicando desde o surgimento da arqueologia brasileira. A maior parte destes estudos está ligada aos chamados sambaquis, aglomerados de conchas, restos de peixes e de outros animais e que, ainda, contêm numerosos sepultamentos. Estes sítios podem assumir proporções muito grandes, tornando-se verdadeiros monumentos na paisagem. A população que os acumulou concentrava-se na planície costeira, explorando, predominantemente, os recursos ligados às águas do Oceano e das lagoas costeiras. Nos espaços em que estes recursos eram abundantes, previsíveis e constantes, os sítios não apenas se multiplicaram, mas também assumiram grande volume. Por outro lado, nos espaços em que os recursos eram menos densos ou menos constantes, os sítios são menores e mais dispersos.

Olhando os restos materiais desses assentamentos podemos falar de uma cultura de sambaquis, compreendendo, sob esta denominação, o conjunto dos artefatos, incluída sua tecnologia, a economia alimentar, a constituição e organização do assentamento e a disposição dada aos mortos. Também podemos falar de uma sociedade sambaquiiana, com o que nos referimos à organização interna dos assentamentos, decorrente das atividades desenvolvidas, à distribuição dos assentamentos no espaço, ao relacionamento existente entre eles; à hierarquia subjacente a seu tamanho. Podemos dar-nos conta, por fim, de que se trata de uma população biológica diferente.

A soma desses elementos parece adequada para distinguir o “mundo do sambaqui” do “mundo” de seus vizinhos do interior, sejam eles contemporâneos ou não, abasteçam-se predominantemente de bens naturalmente disponíveis, ou sejam produtores de alimentos. Esta aparente uniformidade mostra suas fraquezas quando nos detemos nos diferentes espaços ocupados e acompanhamos os sete milênios que decorreram desde que os percebemos por primeira vez até que os deixamos de registrar, no primeiro milênio de nossa era.

A maior parte dos assentamentos costeiros são restos deixados por populações sem cerâmica, para as quais uso o termo “sambaquiiano”, significando, com isso, que correspondem a grupos humanos que apresentam especial adaptação ao litoral, representada por uma cultura, uma sociedade e

uma biologia, embora com variações no tempo e no espaço. Mas há outros sítios que não gosto de colocar nesta categoria.

Neste volume publicamos o estudo de um sítio (SC-IÇ-06), que, do ponto de vista de seus artefatos, instalação e economia alimentar, se caracteriza perfeitamente como um “sambaqui”. Ele é datado de 3.340 ± 70 anos A.P. (Beta-197606). Os restos alimentares indicam que foi ocupado nos meses frios do ano. Mesmo que tenham sido escavados 72 m^2 de superfície, não foram encontrados mais que os restos desfeitos de um único esqueleto humano: nisto ele é diferente da maior parte dos sambaquis. A soma dos dados sugere que o sítio pertence a um sistema de assentamento maior, cujos componentes ainda não conhecemos bem. Na proximidade existem outros sítios parecidos e, quarenta quilômetros mais para o norte, na região de Laguna, SC, há um aglomerado de sambaquis, de tamanhos grandes, médios e pequenos, que está sendo proposto como um centro de povoamento sambaquiiano, com maior densidade populacional e uma sociedade socialmente mais estruturada. Nossos dados são insuficientes para dizer que o sítio estivesse ligado, ou subordinado a esse centro.

No setor “Sítios de Santa Catarina”, deste volume, publica-se a análise que Daniel Reis Teixeira fez dos restos faunísticos deste sítio de Içara (SC-IÇ-06).

Para deixar mais clara a característica do sambaqui de Içara, uma amostra sistemática de seus restos faunísticos foi comparada com uma amostra sistemática de outro sítio (SC-IÇ-01), igualmente pré-cerâmico, datado de meados do primeiro milênio de nossa era, localizado cinco quilômetros mais para o sul, na desembocadura do rio Araranguá, que foi escavado anteriormente (Schmitz *et al.*, 1999). Por seus numerosos e variados sepultamentos, agrupados em quatro cemitérios, este último sítio foi classificado como jazigo funerário. Os sepultamentos primários, secundários e cremados se distinguem dos sepultamentos conhecidos dos sambaquis da região. Por isso Schmitz (Schmitz *et al.*, 1999), levanta a hipótese de que poderia tratar-se de populações da Mata Atlântica, as quais, no período quente do ano, teriam vindo enterrar ali seus mortos. Permanecendo no lugar por algum tempo, teriam deixado os resíduos de sua alimentação depositados em círculos, em camadas que não passam de 10 a 30 cm de espessura. Os restos faunísticos são grandemente provenientes de animais presentes na água, no período quente do ano. Os artefatos líticos se assemelham aos do planalto. Por tudo isso, o sítio não foi incluído no rol dos sambaquis, mas separado numa categoria especial. André Osorio Rosa é o responsável pela comparação das amostras dos dois sítios.

Na margem interna das lagoas, junto às quais se encontram os dois sítios, à medida que o terreno se eleva, há numerosos sítios com cerâmica Tupiguarani, mas ela não aparece nos dois sítios e nada tem a ver com eles.

No volume foram incluídos dois trabalhos que tratam de assentamentos da tradição Itararé do litoral de Santa Catarina. O primeiro é de Luciane Zanenga Scherer, Cláudia Rodrigues-Carvalho e Pedro Ignácio Schmitz sobre marcadores de estresse músculo-esquelético em populações do sítio da Praia da Tapera; o outro, de Fabrício Augusto Hansel e Pedro Ignácio Schmitz sobre resíduos orgânicos preservados em fragmentos cerâmicos de sítios da tradição Itararé.

No setor “Litoral Central do Rio Grande do Sul” foram estudados 20 sítios (Ver a descrição dos sítios em Jairo Henrique Rogge, neste volume, 2.3). O ambiente também é formado por lagoas, campos úmidos e floresta de restinga (Ver Julian Mauhs & Maria Salette Marchioretto sobre as formações vegetais, e André Osorio Rosa sobre os recursos alimentares disponíveis no ambiente, neste volume, 3.1 e 3.2 respectivamente).

Os recursos ligados à água do Oceano e das lagoas litorâneas estão abundantemente representados em todos estes sítios, mas a proporção em que eles aparecem com relação aos elementos provenientes da caça terrestre não é igual. Há sítios pré-cerâmicos com apropriação predominantemente de moluscos marinhos e peixes do mar e/ou das lagoas, como o RS-LC-82 e RS-LC-97, datados, respectivamente, de 1.900 ± 40 anos A.P. (Beta-206105) e 2.170 ± 70 anos A.P. (Beta-200073). Outro sítio, além dos moluscos marinhos, de peixes marinhos e das lagoas, tem uma presença acentuada de veado-campeiro; sua data é de 1.780 ± 60 anos A.P. (Beta-206106). Os dois primeiros estão localizados na proximidade de lagoas, ao passo que o último está dentro de um campo, mais afastado das lagoas e do mar. A qualidade e quantidade do conteúdo faunístico certamente tem relação com o entorno imediato de cada um dos sítios, mas provavelmente também com a tradição cultural do grupo acampado. Os poucos artefatos não são representativos e não indicam ligação com os “sambaquis”.

Sobre os estratos pré-cerâmicos destes sítios houve ocupações de grupos da tradição cerâmica Tupiguarani e da tradição Taquara. A bem marcada ocupação Tupiguarani sobre o RS-LC-82 foi datada por termoluminiscência em 563 ± 45 anos A.P. Ela está separada por um grande intervalo cronológico da ocupação pré-cerâmica. Nos outros sítios em que se observa a mesma sobreposição, pode-se supor distância semelhante, ou ainda maior, embora não tenhamos dados concretos para isto.

Existem também sítios exclusivamente da tradição Tupiguarani. RS-LC-80 é o mais diagnóstico deles. Trata-se de uma instalação mais permanente, na qual a escavação permitiu delimitar o chão e o perímetro de uma pequena casa, com alguns esteios concrecionados e um espesso piso de cinza, sobre o qual estavam vasilhas quebradas no lugar e também fragmentos de cerâmica Taquara. Seus abundantes restos faunísticos estão predominantemente relacionados com a água. A datação por C^{14} deu 280 ± 50 anos A.P. (Beta-202366), uma ocupação consideravelmente tardia. A uma

centena de metros está o RS-LC-81, menos denso, para o qual não temos data. Vários outros sítios com restos faunísticos de origem marinha, lacustre e terrestre também podem ser atribuídos aos horticultores Tupiguarani, mesmo que não tenhamos encontrado cerâmica nos pequenos afloramentos de alguns deles.

A ocupação Tupiguarani, com exceção do RS-LC-80, parece ter-se realizado sob a forma de acampamentos temporários de pequenos grupos familiares. Como no sítio mencionado, nos outros também costuma haver cerâmica da tradição Taquara, associada à Tupiguarani.

Em dois casos foi possível isolar espaços ocupados somente pelo grupo Taquara. O sítio RS-LN-97a é o mais típico: ele se compõe de pequena mancha de restos faunísticos aquáticos, com fragmentos de um único recipiente cerâmico. Nos cortes agrupados do RS-LC-96 foi possível identificar um espaço limitado em que fragmentos de diversos recipientes da tradição Taquara estavam reunidos.

Quando entramos mais na planície litorânea e chegamos mais perto da encosta do planalto podemos registrar aldeias permanentes da tradição cerâmica Tupiguarani e, na encosta baixa do planalto, encontramos aldeias superficiais da tradição Taquara. O trabalho de Cláucia Brentano descreve os sepultamentos de um jazigo funerário desta tradição, na borda alta do Planalto.

Com esta informação básica podemos esboçar um quadro da ocupação do lugar que pesquisamos. Há uma primeira ocupação pré-cerâmica, de exploração de recursos aquáticos e terrestres, cujas datas estão entre 2.170 e 1.780 anos A.P. Como não existem elementos materiais que sirvam para caracterizá-la como sambaquiana, prefiro não lhe dar este nome. O sítio RS-LC-96, por sua forma e seus restos, assemelha-se mais aos “cerritos” da margem da lagoa dos Patos do que aos sambaquis. Os sítios costumam não ser grandes, nem volumosos, dando a impressão de se terem originado de acampamentos estacionais, repetidos no mesmo lugar ou na mesma paisagem. Claramente, não se trata de grupos estabelecidos no lugar. Também não sabemos donde viriam e como circulariam no espaço.

A ocupação Tupiguarani é consideravelmente posterior, provavelmente próxima à conquista européia do território. Também aqui não se trata, geralmente, de aldeias, mas de acampamentos voltados para a exploração dos recursos disponíveis no Oceano, nas lagoas e na mata de restinga. Muitas vezes estes acampamentos eram feitos em cima dos sítios pré-cerâmicos. A origem dos grupos acampados poderiam ser as aldeias que se encontram mais para o interior da planície costeira, que antes mencionamos. O sítio mais permanente (RS-LC-80) poderia até corresponder a um grupo de pessoas fugidas da escravidão ou da missão.

A ocupação Taquara é ainda menor e deve coincidir no tempo com a do Tupiguarani, sendo que geralmente as populações parecem estar associadas nestes acampamentos. Alguma vez foi possível isolar um espaço

puro da tradição Taquara. A primeira vez que se registrou a associação das cerâmicas, na planície costeira, no vizinho município de Osório, foi em 1958, quando Schmitz, descreveu um sítio que não tinha apenas as duas tradições ceramistas, mas, ainda, numerosas pontas de projétil da tradição Umbu.

A análise faunística dos sítios RS-LC-80, 81, 84, 86, 90, 92 e 96 foi feita por André Osorio Rosa. Cláucia Brentano analisou os restos do RS-LC-97, Gracielle O. Silva da Silva com André Osorio Rosa, os do sítio RS-LC-82. Todos neste volume.

No setor “Litoral Meridional do Rio Grande do Sul” foi retomado o estudo de restos faunísticos de três sítios, comumente denominados “cerritos”. Um destes sítios é do município de Camaquã e dois são do município de Rio Grande. A pesquisa nesta área começou na década de 1960. Os resultados principais podem ser encontrados em quatro textos básicos: Schmitz, 1976, sobre o município de Rio Grande; Bitencourt, 1989 e 1992, sobre Camaquã, e Schmitz, Girelli & Rosa, 1997, sobre o município de Santa Vitória do Palmar. A retomada da análise de alguns sítios de Rio Grande e de Camaquã tem como objetivo aperfeiçoar aqueles primeiros resultados, produzidos num tempo em que a zooarqueologia estava iniciando e ainda não tinha nem a teoria, nem o método, que a caracterizam agora.

Os sítios mais característicos destes lugares são montículos, parcialmente naturais, parcialmente construídos, regionalmente denominados “cerritos”. Eles se encontram junto a grandes corpos de água, especialmente junto à Lagoa dos Patos, onde peixes e crustáceos marinhos são muito abundantes; ou junto de pequenos cursos de água, que extravasam anualmente, e grandes banhados, onde mamíferos de porte variado e aves de todo tipo se concentram; nas bordas mais secas desses terrenos há densos bosques de butiazeiros e jerivazeiros, que possibilitam ricas colheitas de frutos no período quente do ano.

Os sítios encontrados nessas áreas são de populações que se abastecem dos recursos naturalmente disponíveis, sem produção de alimentos através do cultivo. Inicialmente elas não possuíam cerâmica, mas nos primeiros séculos de nossa era começam a produzir um vasilhame simples e utilitário, que os arqueólogos denominam tradição Vieira.

Os sítios de Camaquã e de Rio Grande estão na margem ocidental da Lagoa dos Patos, os de Santa Vitória do Palmar estão perto de arroios e banhados da margem oriental da Lagoa Mirim.

Das três áreas estudadas no Brasil, a de Santa Vitória do Palmar apresenta maior número de sítios. Neles, predominam os recursos provenientes da caça e da coleta de frutos ligados à terra firme. Não há datas para estes sítios. Aparentemente a maior parte deles é anterior à adoção da cerâmica. Os mais recentes se distinguem pela abundante presença de cerâmica Vieira. A população horticultora da tradição Tupiguarani não se fez

presente na área. A pesquisa foi prematuramente interrompida e, em nosso texto, não retornamos a ela.

Há maior densidade na informação para os sítios de Rio Grande. Eles estavam diretamente ligados à lagoa dos Patos, donde retiravam a maior parte do seu sustento, através da pesca e da apanha de crustáceos. Mas também caçavam os animais que se reproduzem nos campos, que surgiram com o constante recuo das águas. E recolhem os frutos das palmeiras. Os assentamentos eram feitos à margem da lagoa. Com a redução progressiva do tamanho desta e o recuo de suas águas, os assentamentos foram se deslocando em sua perseguição. Hoje, os assentamentos mais antigos encontram-se nos terraços holocênicos mais altos e mais afastados. O mais recente deles está bem junto às águas.

Ali foram estudados 14 sítios. Há quatro datas para sítios ou camadas pré-cerâmicas: 2.435 ± 85 anos A.P. (SI-1006) corresponde ao RS-RG-21; 2.160 ± 80 anos A.P. (SI-1194) corresponde ao cerrito 4 do conjunto RS-RG-O1; 2.020 ± 50 anos A.P. (SI-1008) corresponde ao RS-RG-49; 2.000 ± 120 anos A.P. (SI-1193) é outra data do cerrito 4 do conjunto RS-RG-01.

Bem cedo forma-se uma cerâmica utilitária, inicialmente muito rudimentar e mal cozida, com antiplástico areia, chamada fase Torotama, que parece representar a origem local da tradição Vieira. Ela assenta diretamente sobre as camadas pré-cerâmicas. Ela não tem datas de carbono 14, mas como repousa diretamente sobre os estratos pré-cerâmicos, antecede a fase Vieira e evolui para ela, podemos colocá-la na primeira metade do primeiro milênio de nossa era.

A fase Vieira, da tradição Vieira, também possui quatro datas de carbono 14: 1.335 ± 45 anos A.P. (SI-1007) corresponde ao sítio RS-RG-48; 1.080 ± 90 anos A.P. (SI-1192) corresponde a um cerrito do conjunto RS-RG-01; 845 ± 75 anos A.P. (SI-1005) corresponde ao sítio RS-RG-04; 200 ± 80 anos A.P. (SI-1195) corresponde novamente a um cerrito do conjunto RS-RG-01. Todos estes sítios encontram-se em cima dos terraços holocênicos marcadores do recuo recente da lagoa.

A partir de aproximadamente mil anos de nossa era surgiram, nos terraços pleistocênicos que circundam a lagoa, sítios que correspondem a aldeias da tradição Tupiguarani. Estes terraços são mais elevados e secos, permitindo cultivos tradicionais. Em consequência da proximidade deste grupo horticultor, aparecem elementos da cerâmica Tupiguarani também nos sítios da planície holocênica, sob a forma de intrusão, imitação e aumento de decoração. E nos terraços pleistocênicos aparecem sítios modificados, exibindo as duas tradições com assimilações recíprocas. Estes últimos assentamentos podem indicar que as populações caçadoras, além de elementos cerâmicos, também aprenderam a cultivar plantas. Mas o principal de seu modo de vida vai perdurar ao menos até a chegada de populações

portuguesas que, em 1735, fundaram a cidade de Rio Grande, onde mantiveram relações com populações nômades conhecidas como Minuanos.

Desses sítios, foram retomados dois: o RS-RG-48, do período cerâmico, cujos restos foram estudados por Kelly de Oliveira; e o RS-RG-49, parcialmente pré-cerâmico e parcialmente cerâmico, estudado por Gracielle O. Silva da Silva, Ângela Maria Löff e Pedro Ignácio Schmitz, neste volume.

No município de Camaquã foram estudados diversos sítios nos terrenos baixos da margem da lagoa, na área conhecida como Banhado do Colégio. Estão colocados nas bordas mais elevadas dos banhados e de pequenos cursos de água, que deságuam na Lagoa. O acesso direto à lagoa é difícil, fazendo que os sítios fiquem mais para o interior e se relacionem com áreas temporária ou permanentemente alagadas. Não existem datas para estes assentamentos. Grande parte da ocupação foi realizada por populações caçadoras sem cerâmica, aparecendo pontas de projétil da tradição Umbu em vários sítios. Em algum momento não definido, a cerâmica da tradição Vieira se tornou presente e passou a ser um elemento comum aos assentamentos. Na superfície de um desses sítios, que na base tem pontas de projétil da tradição Umbu, depois cerâmica da tradição Vieira, aparecem fragmentos de cerâmica da tradição Taquara, resultantes do que deveria ter sido um rápido acampamento de verão.

Na Serra do Sudeste, que fecha o Banhado do Colégio pelo oeste, havia um povoamento de horticultores da tradição Tupiguarani; este se expandiu até a borda das terras baixas, onde estavam instalados os caçadores. Alguns elementos desta cerâmica aparecem na superfície dos sítios, inclusive imitações mal feitas.

O sítio retomado por André Osorio Rosa é parcialmente pré-cerâmico, parcialmente cerâmico e mostra um claro sítio de caça em área alagadiça, junto a um grande banhado.

O conjunto de trabalhos incluído neste volume é resultante de contribuições de participantes da equipe de pesquisadores e alunos do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, com apenas uma exceção, o artigo de Fabrício Augusto Hansel com Pedro Ignácio Schmitz.

Obras citadas

BITENCOURT, A.L.V. 1989. Pesquisas arqueológicas no Baixo Rio Camaquã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 3. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 7-105.

_____. 1992. *Reconstituição paleoambiental da região do Banhado do Colégio, Camaquã, RS*. Porto Alegre, UFRGS (Dissertação de Mestrado).

SCHMITZ, P.I. 1976. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.

_____, GIRELLI, M. & ROSA, A.O. 1997. Pesquisas arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 7*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

_____, ROSA, A.O., IZIDRO, J.M., HAUBERT, F., KREVER, M.L.B., BITENCOURT, A.L.V., ROGGE, J.H. & BEBER, M.V. 1999. *Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina*. Pesquisas, Antropologia 55.